A CIDADE, A CRISE E A NOVA JERUSALÉM

*Flávio Martinez de Oliveira**
*Eduardo dos Santos de Oliveira***

Resumo

Como ponto de partida, descrevem-se e se analisam as manifestações de rua em 2013 no Brasil e no mundo. Situa-se a atual realidade das cidades em sua história. A situação das cidades reflete sua história e a crise que foi desencadeada nos anos 2008 e 2009 pelo sistema financeiro internacional. A crise aponta para a catástrofe – econômica, social, ecológica, política, cultural e religiosa – da atual civilização ou para medidas a serem assumidas pelos sujeitos sociais em alternativas comunitárias focadas nos direitos humanos, o que parece muito difícil, senão impossível. Neste contexto surge o retorno do apocaliptismo com marca em 2012. Propõe-se no texto, em consequência, a Nova Jerusalém como horizonte alternativo a animar a esperança dos cristãos em sua fé, em meio à crise e ao sofrimento.

Palavras-chave: *Cidade. Crise de civilização. Apocaliptismo. Nova Jerusalém.*

Abstract

As a starting point, are described and analyzed in the 2013 street manifestations in Brazil and worldwide. It is a present reality of cities in its history. The situation of cities reflects its history and the crisis that was triggered in 2008 and 2009 by the international financial system. The crisis points to the catastrophe – economic, social, ecological, political, cultural and religious – of the current civilization or for measures to be taken by social subjects in community alternatives focused on human rights, which seems very difficult if not impossible. In this context comes the return of apocalyp-

* Doutor em Teologia Bíblica na Pontifícia Università Gregoriana, Roma. Mestre em Saúde e Comportamento na Universidade Católica de Pelotas. Professor no Instituto de Teologia Paulo VI, Arquidiocese de Pelotas, e no Curso de Medicina da UCPel. Diretor do Instituto Superior de Cultura Religiosa da UCPel.

** Mestrando em Teologia em Faculdades EST (São Leopoldo), bolsista da CAPES – entidade governamental brasileira de incentivo à pesquisa científica e à formação de recursos humanos.

tism branded in 2012. It is proposed in the text, as a result, the New Jerusalem as an alternative horizon to animate the hope of Christians in their faith, in the midst of crisis and suffering.

Keywords: *City. Crisis of civilization. Apocalypticism. New Jerusalem.*

INTRODUÇÃO

Considerando as manifestações de massa e inúmeros planos e programas recentes, pode-se esperar algo de novo na cidade? Os movimentos convulsivos que ganharam as ruas no mundo e no Brasil em 2013 mostraram o esgotamento tanto das políticas urbanas quanto da democracia representativa. Desenha-se algo de novo na cidade considerando a atual conjuntura econômica, política, social e cultural? O que se pode esperar olhando mais longe na história da cidade e a crise inaudita, com o domínio do mercado financeiro, pela qual passa o mundo? Pode vir algo de realmente novo no empenho humano de transformar a cidade? Em termos da fé cristã, o que vem do esforço humano e o que depende de Deus? A pergunta relaciona-se ao contexto cultural e religioso do momento: o retorno ao apocaliptismo. O que pode nos dizer, finalmente, o Apocalipse de João e, particularmente, a Nova Jerusalém? Estas são as questões às quais este texto procura responder.

1. UM OLHAR SOBRE A CIDADE: COMEÇANDO NO BRASIL

Algo se move na cidade. Olhemos inicialmente o Brasil. “Cidades rebeldes”¹ é o título de uma das obras que abordam as manifestações urbanas por mudanças que tomaram as ruas do Brasil. Como na Turquia, foram às ruas mais de um milhão de pessoas, após uma década de crescimento excepcional do país. No epicentro do terremoto foram apontadas várias razões, tais como a questão da efetivação e ampliação dos direitos sociais, o direito à cidadania. Entrava em jogo a questão urbana, particularmente a reforma urbana². Há uma lógica entre legislação urbana, serviços públicos urbanos, obras de infraestrutura e financiamento das campanhas eleitorais, hoje tema em voga. A cidade também é um grande negócio, uma disputa entre os fundos públicos e sua distribuição no espaço. Há uma urbanização dos baixos salários na periferia, de outra forma zonas de disputa eleitoral. A principal vítima da violência é o jovem negro e pobre, morador da periferia urbana³, seja no Brasil seja nos Estados Unidos da América, o que vem

1. ROLNIK, Raquel et al. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.

2. MARICATO, Ermínia. É a questão urbana, estúpido! In ROLNIK, 2013, p. 19-26.

3. Cf. WAISELFISZ, Júlio Jacobo. “A cor dos homicídios no Brasil”. *Mapa da violência*. Disponível em <<http://maparadaviolencia.org.br>>. Acessado em 27 dez. 2014. Os dados foram atualizados em 4 nov. 2014.

acentuado com a globalização. A reforma urbana no Brasil, a partir da primeira década deste século, esqueceu a reforma fundiária, não obstante tantos programas sociais e queda do desemprego. A terra urbana permaneceu refém dos interesses imobiliários e a eles associam-se os problemas de gestão e mobilidade, violência no trânsito. Para todos, num mundo de anomia e alienação, raiva e frustração, a vida tornou-se mais estressante.

De país a país as diásporas traçam redes através das fronteiras; migrantes ilegais e clandestinos; moradores de rua, associados ao uso de drogas, são a mais calamitosa expressão. Por outro lado, no passado recente, são as cidades o palco de protestos que resultaram em mudanças políticas e novos desafios desde a China até Quebec e Bangkok. É nesta direção que a cidade, empresa e mercadoria vão às ruas. Os problemas encontrados nas cidades de todos os lugares são os mesmos: saúde, poluição, água, energia, recursos naturais, os quais se acentuam com as mudanças climáticas. A questão diz respeito ao próprio futuro do planeta. Quanto mais crescem, mais elas precisam *per capita*⁴. No Brasil, segundo o IBOPE, nas manifestações em junho de 2013 eram reivindicadas saúde (78%), segurança pública (55%), educação (52%), identificadas igualmente como uma crise de representação política, embora para muitos um sentimento fluido de desconforto e descontentamento; sem dúvida um processo complexo que afeta diversos países de maneiras variadas. No Brasil, além do mais, a reforma urbana liga-se flagrantemente à reforma política. Mas é preciso pensar historicamente.

2. A CIDADE NA HISTÓRIA

A questão da cidade não é de hoje nem vem restrita a uma região. A história o demonstra⁵. A experiência urbana é universal e milenar. Jericó data de 7500-6800 aC. A maior criação da humanidade foi a cidade. Sua história é apaixonante, deslumbrante e cruel. A cidade hoje representa o mundo.

Cidades foram criadas e grandes cidades caíram – como Ur, Nínive, Babilônia, Atenas, Siracusa e Roma, a primeira e arquetípica megalópole – em estreita relação com o aspecto sagrado do lugar, a capacidade de proporcionar segurança e projetar poder, e por fim o papel animador do comércio⁶. O rápido crescimento do cristianismo não poderia ter acontecido sem a vasta infraestrutura urbana do Império Romano. O Apocalipse de João, porém, traz o contexto e as marcas da cidade e, especificamente, de Roma, a Grande Prostituta (Ap 17).

4. ELY, Lara. A fórmula das cidades. Entrevista: Geoffrey West. *Zero Hora*, Porto Alegre. 27. jun 2014, p. 6-7.

5. KOTKIN, Joel. *A cidade: uma história global*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

6. *Ibidem*, p. 19-20.68.

Hoje muitas das grandes cidades do mundo contemporâneo ficaram cada vez maiores em meio a uma persistente estagnação econômica bem como uma disfunção social e política. É o caso do México e de São Paulo, cidades de muros entre as classes. Em 2015 haverá 23 colossos com mais de 10 milhões de habitantes⁷.

As análises revelam uma crise das megalópoles. O tamanho é mais fardo que vantagem. A vantagem do tamanho vem superada pelo crescimento das novas tecnologias. As tendências descentralizadoras observam-se em Nova York, ainda a mais importante das megalópoles do mundo. Além disso, as grandes cidades estão cada vez mais propensas a tornarem-se cidades duplas: uma elite cosmopolita e uma grande classe de pessoas que, por baixos salários, basicamente, atende suas necessidades⁸. Fato é que hoje se enfrenta o capitalismo de mercado irrestrito ao lado da corrupção. De outro lado, ninguém está seguro na cidade, seja pela violência cotidiana seja pelo terrorismo. A cidade moderna vive do medo, na sensação de fragilidade e vulnerabilidade, com a desregulamentação e suas consequências individualistas⁹. As novas classes, constituídas de gente em excesso, são supérfluas e excluídas de modo permanente. É sutil o limite entre os supérfluos e os criminosos. Constroem-se casas para proteger seus habitantes¹⁰. São guaritas, câmeras, alarmes os mais difundidos nos condomínios murados, edifícios e mesmo casas particulares¹¹.

Difícil, além disso, é acomodar populações diferentes em termos culturais e religiosos, um fruto das grandes migrações. Os estrangeiros hoje representam no mínimo uma ameaça de imprevisibilidade. Mas é de se supor que é na cidade onde a antiga confluência do sagrado, do seguro e da movimentação, que o futuro da humanidade será definido durante os séculos que virão¹². Questionando apocalipticamente, se vierem!

A transformação do mundo atual tem o seu epicentro na cidade: 1) Nas grandes áreas urbanas se concentram as funções mais avançadas do capitalismo, que tem se acomodado segundo uma lógica de rede, cujos núcleos estruturais são justamente os centros globais. 2) Por outro lado, as cidades tornam-se objeto de novos e intensos fluxos de população e de uma profunda redistribuição da renda: seja nos bairros pobres, com a formação de uma elite global móvel e altamente profissionalizada, seja nos bairros populares, com a ampliação dos cin-

7. Ibidem, p. 176-181.

8. BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 187-202.

9. Ibidem, p. 18-19.

10. BAUMAN, 2009, p. 23-25.

11. Ibidem, p. 62-63.

12. KOTKIN, 2012, p. 210-211.

turões periféricos. A questão é: Será possível fugir desse destino? Será possível, na situação atual, percorrer outro caminho¹³?

3. E O MUNDO? APÓS A CRISE

A “megacrise” de 2007 e 2008 suscitou em tom apocalíptico o fim terrificante do capitalismo. Qual a saída? O mundo dos dominados tornou-se tão diverso e tão fragmentado que ele desconhece a forma de engendrar um ator histórico, isto é, a vontade de ação coletiva tendo um efeito sobre as orientações da sociedade¹⁴. Não vivemos uma sociedade totalmente líquida, como pensa Bauman, e muito menos num conflito social generalizado, perceptível em diversos *fronts*. A unidade dos movimentos e conflitos dar-se-á onde se afirmarem as grandes concepções culturais, se existirem, que orientem as condutas, inclusive as sociais¹⁵.

A crise configura-se na transferência do setor produtivo ao setor financeiro acima dos Estados¹⁶. A consequência é a decomposição da vida social, o silêncio dos partidos e dos sindicatos. Espera-nos a catástrofe ou a superação da crise?

A nova sociedade ainda não se formou, mas ela se anuncia com um novo modelo de atores, ainda impossível de descrever. Esta passagem para uma nova sociedade implica a transformação das instituições atuais, o que chamamos de crise da cidade, crise da democracia, crise da justiça, crise da escola ou da família. Esta separação entre o mundo econômico e o social caracteriza a situação atual, particularmente porque a globalização situa a economia num nível no qual nenhuma instituição social, política ou mesmo econômica pode intervir. A única resposta, se vier, será um comunitarismo defensivo¹⁷, que já foi intuído na apocalíptica, como veremos. Trata-se de lutar contra os efeitos destruidores da economia atual, isto é, de agir sobre as ideologias e as condições naturais de nossa sobrevivência¹⁸.

Pela primeira vez na história, o mundo da produção, dos bancos e das tecnologias é separado do mundo dos atores. É uma crise para além dos partidos e governos. Criou-se um abismo entre o mundo da economia e aquele das instituições sociais. Nossas democracias representativas são insuficientes¹⁹. Os jovens ou

13. BAUMAN, 2009, p. 8-9.

14. TOURAINE, Alain. *Após a crise: a decomposição da vida social e o surgimento de atores não sociais*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 25.

15. *Ibidem*, p. 31.

16. TOURAINE, 2011, p. 47-58.

17. *Ibidem*, p. 105-106.

18. *Ibidem*, p. 117.

19. *Ibidem*, p. 121-124.

protestam em certos períodos ou fogem do mundo real em direção a um mundo ideal mais condizente com a natureza, formas de contracultura²⁰. O objetivo dos liberais é fazer com que o individualismo extremo sepulte as instituições sociais e coletivas. A crise nos impede de sermos sujeitos²¹. Os sujeitos sociais são reduzidos ao papel de vítimas, no desenraizamento da economia moderna. Não é mais o trabalho que liberta o homem, mas o consumo. É possível uma reação popular de grande força, mas em hipótese alguma contribuirá na afirmação de uma sociedade nova; ela simplesmente traduzirá a fraca organização e a ausência de projetos políticos da população vitimada pela crise econômica²², o que é um sintoma de impotência apocalíptica. Os extremos sempre mais se afastam do valor mediano, enquanto as classes médias e os assalariados estáveis vão se aproximando²³. Vivemos num mundo de ausência, de recusa, de solidão, o que vem confirmado pelo individualismo religioso. Para além do desemprego, a exclusão social se alastra²⁴.

As meias-medidas são hoje ineficazes. Ou nos abandonamos às crises esperando a catástrofe final, ou reconstruímos um novo tipo e vida econômica e social. Segundo Touraine, a única solução é nos colocarmos acima da realidade econômica e social no apelo aos direitos universais de todos os seres humanos, no controle do mundo político e econômico²⁵. Será possível?

4. QUESTÕES APOCALÍPTICAS

O retorno da consciência apocalíptica no início do século XXI revela uma desorientação, tematizada, sobretudo, como medo e angústia na atualidade ou como medo e angústia diante do futuro. Significa o silêncio diante das guerras civis, da pobreza extrema, das catástrofes climáticas? Ou será que representa uma fuga da atualidade, que do contrário poderia parecer insuportável²⁶? São questões apocalípticas.

O alerta vem de Ernst Conradie²⁷. Para que seja um discurso apocalíptico responsável,

20. *Ibidem*, p. 131.

21. *Ibidem*, p. 132-134.

22. *Ibidem*, p. 136-139.

23. *Ibidem*, p. 147.

24. *Ibidem*, p. 148-152.

25. TOURAINE, 2011, p. 196-198.

26. HAKER, Hille; QUEIRUGA, Andres Torres; WACKER, Marie-Theres. Editorial. O retorno da consciência apocalíptica. *Concilium*, v. 356, n. 3, 2014.

27. *Ibidem*, p. 11. Cf. CONRADIE. *Idem*, p. 96-100.

Em primeiro lugar, essa apocalíptica deve partir daqueles que são vítimas da atual constelação de poder. Em segundo lugar, deve tomar conhecimento de que exortações de instituições estatais muitas vezes são ignoradas conscientemente, enquanto que, por outro lado, sofisticados sistemas (estatais) de segurança são estabelecidos para voltar-se contra os protestos. Em terceiro lugar, é necessário que se encontrem códigos para minar os mecanismos de controle. Em quarto lugar, uma nova apocalíptica deve projetar símbolos e imagens que possam motivar à ação. Em quinto lugar, é necessário que sejam estabelecidas práticas de solidariedade que possam ajudar, de um lado, as vítimas da atual crise a ficarem alertas e conscientes, a fim de que se possam superar as constelações e estruturas de dominação. Em sexto lugar, uma apocalíptica com um projeto renovado deve despertar esperança e fomentar solidariedade para poder manter a resistência também sob pressão.

Além da história, “A apocalíptica bíblica não é uma agenda da história global, mas um fermento em toda teologia, que não deixou de pensar, de ter esperança e expectativa do fim desse tempo, desse mundo e a irrupção do totalmente novo”²⁸. Totalmente novo não é o que se observa nas análises anteriores.

A ideia de que Deus inicia a renovação evidencia que uma transformação abrangente jamais poderá ser obra humana. Continua sendo tarefa dos seres humanos engajar-se sempre de novo num mundo atual, imperfeito, em favor de ordens sustentáveis e contra pseudo-ordens perniciosas²⁹.

A apocalíptica é o novo, mais que nunca oportuno, pois a crise é o caldo de cultura da literatura apocalíptica. A literatura apocalíptica floresce em tempo de crise. João vai além da teologia profética do *telos*, pois ilumina a história a partir do seu final, no qual aparecerá claramente o triunfo definitivo de Deus (Ap 20,7-10). Este novo vem apresentado numa cidade; a Nova Jerusalém, histórica, mas trans-histórica, dom de Deus e alcance da fidelidade (Ap 21,1-22,15). Do Apocalipse se pode tirar luz para enfrentar a crise atual e, ao mesmo tempo, manter viva a esperança de que outro mundo é possível³⁰. A adoção de uma postura propriamente apocalíptica é – hoje mais do que nunca – a única maneira de manter a cabeça fria e resistir³¹.

28. EBACH, Jürgen. As coisas não permanecerão sempre como estão. Observações e intuições sobre a apocalíptica bíblica. *Concilium*, v. 356, n. 3, p. 24n, 2014.

29. BACHMANN, Verônica. Seguindo os rastros de uma ordem sustentável rumo aos inícios dos escritos apocalípticos do judaísmo antigo. *Concilium*, v. 356, n. 3, p. 24, 2014.

30. SANTAMARIA, Xavier Alegre. O Apocalipse de João, modelo de releitura crente da vida em tempos de crise. *Concilium*, v. 356, n. 3, p. 45, 2014.

31. ZIZEK, Slavoj. *Less Than Nothing: Hegel and the Shadow of Dialectical Materialism*. Londres: Verso, 2012, p. 983. *Apud* DICKINSON, Colby. Só os verdadeiros ateus são teólogos? Sobre o pensamento continental contemporâneo e o seu tom eternamente apocalíptico. *Concilium*, v. 356, n. 3, p. 50, 2014.

O processo, porém, é doloroso e violento: “O universo apocalíptico irrompe, atualmente, em contato com o poder destrutivo da crise global, é experimentado como fim de época e projeto para o futuro através da ruptura com a atualidade”³².

É preciso estar alerta, pois se, historicamente, a apocalíptica foi produzida pelas vítimas, os empobrecidos e os excluídos, hoje procede não somente dos que estão em pior situação, mas também dos poderes políticos, econômicos e culturais, com a finalidade de anular o protesto e transmitir que não existe alternativa. Com lucidez, como experiência, a apocalíptica constata a brecha entre o mundo desejado e o mundo real; é consciente que:

A metástase apocalíptica atual desenvolveu-se em torno da ameaça nuclear [...] ao lado do ‘apocalipse silencioso’ para aludir à morte massiva pela fome e desnutrição nos países do Terceiro Mundo [...] Atualmente causa preocupação o poder destrutivo da crise financeira, que produz a crise econômica, ecológica, energética, alimentar, ética e cultural, até reinventar os rostos da pobreza, da desigualdade e da exclusão [...] O mercado deixa de ser considerado como ‘o maior progresso funcional da civilização’ para transformar-se no grande mito apocalíptico³³,

com seus tsunamis, furacões e estiagens. A crise atual desacreditou o código teológico, que postula um final (*telos*) mediante um progresso linear, ininterrupto, ascendente e irreversível (*logos*) que leva a uma etapa superior da consciência, da vida e da sociedade. O futuro é representado por uma ameaça, não uma promessa (profética). Sintomaticamente,

A mentalidade apocalíptica atual pertence a uma ideia especial do fim como mudança de época: anuncia o fim de uma política corroída pela corrupção, de uma economia baseada no interesse individual, de uma cultura cegada pelas mercadorias, de uma sociedade satisfeita, de uma Igreja autorreferencial³⁴.

Os elementos proféticos e apocalípticos, que no Antigo Testamento se sucediam no tempo, no Apocalipse de João coexistem. O autor sente-se um profeta (10,11), designa sua obra que chama de Apocalipse como “palavras de profecia”, e esta expressão retornará com insistência particular no epílogo (cf. 22,7.10.18.19). O Apocalipse foi profético porque soube interpretar os sinais de seu tempo, guiando os fiéis a opor-se à ideologia dominante e a suportar as perseguições³⁵. O autor apresenta, portanto, uma síntese nova entre apocalíptica e pro-

32. ROCA, Joaquim García. Apocalíptica e crise global. *Concilium*, v. 356, n. 3, p. 80, 2014.

33. *Ibidem*, p. 82-84.

34. ROCA, 2014, p. 87.

35. DOGLIO, Cláudio. Introduzione all’Apocalissi di Giovanni. In: GHIBERT, Giuseppe et al. *Opera Gioviniana*. Torino: Elledici, 2003 (Logos. Corso di Studi Biblici, 7), p. 177.

fecia, mas com as seguintes observações: Em primeiro lugar, a mentalidade apocalíptica é diferente da cosmovisão teleológica ou da cosmovisão evolucionista. Enquanto o teleológico-evolucionista olha para o fim inevitável como o resultado cumulativo de seu movimento para frente, a apocalíptica é uma “interrupção” total da história³⁶, mas na história. Aí reside o novo. É o que veremos a seguir. Em segundo lugar, a escatologia do Apocalipse, com sua riqueza e complexidade de elementos, não permite uma fuga para frente a respeito da realidade em que a Igreja vive. Sua escatologia é ainda ancorada na história. É a continuidade da penetração da “novidade” de Cristo na histórica como se realiza progressivamente em todo arco de desenvolvimento da mesma história. O Apocalipse, de fato, tem como matéria sua específica “aquilo que deve acontecer”, na história, justamente entendida no seu sentido concreto. Mas, humildemente, deve-se reconhecer que sempre permanece algo de mistério indevassável, a absoluta incognoscibilidade do plano divino no Apocalipse³⁷.

5. A NOVA JERUSALÉM

A Nova Jerusalém (Ap 21,1-8.9-27) está além de tudo o que vemos, sentimos e sofremos. Pode ter paralelo no antigo, mas nada a ela se equipara até o fim. Não é uma evolução, mas é o novo na imanência que vem da Transcendência, como veremos. Ap 21,1 traz um contato literal textual com Is 65,17, mas vai muito além de algo positivo logrado ao máximo e assegurado contra a insídia dos elementos antagônicos (cf. 65,20-25)³⁸. A promessa de Isaías (65,17-25) é um mundo sem mortalidade infantil (v. 18-19), sem morte prematura (v. 20), sem exploração do agricultor e do trabalhador (v. 21-22), sem conflito de gerações (v. 23), sem violência (v. 25), com Deus mais presente a nós do que nós mesmos (v. 24)³⁹.

Há duas fases sucessivas na apresentação da Nova Cidade⁴⁰:

1ª Apresentação da Nova Jerusalém “como noiva que se adorna para seu esposo” (21,2): situação escatológica terminal, mas vista em relação com a situação atual, com particular referência à assembleia litúrgica, com a qual a Igreja é e se sente ainda a “noiva” (21,1-8).

36. METZ, Johann Baptist. *Faith in History and Society*. New York: Seabury Press, 1980, p. 171. *Apud* PILLARIO, Daniel Franklin. Depois do fim: reflexões (pós-)apocalípticas a partir do marco Zero. *Concilium*, v. 356, n. 3, p. 109, 2014.

37. DOGLIO, op. cit., p. 174.

38. VANNI, Ugo. *Lectura del Apocalipsis*: Hermenéutica, exégesis, teologia. Estella: Verbo Divino, 2005, p. 279.

39. MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João: a teimosia da fé dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 339.

40. VANNI, op. cit., p. 279.

2ª 21,9–22,5 mostra-nos ainda a Nova Jerusalém, mas como a “noiva” que se converteu em “mulher” (21,9). Estamos num nível escatológico em estado puro e considerado em si mesmo.

No capítulo 21 temos duas visões de Jerusalém como cidade-esposa: 21,1-4 apresenta a cidade como esposa; 21,9-27 é apresentada como uma cidade. Há um paralelismo evidente entre a prostituta, símbolo de Roma (17,1-28), e a Esposa do Cordeiro, símbolo da cidade de Jerusalém (21,9-27)⁴¹.

Agora esta cidade é Nova, não repetição da antiga (21,2; cf. Is 54,11-17; 62,4-5; Os 2,18-25). A novidade que é destacada em Isaías implica uma ação criadora de Deus no que tem a ver com o ambiente do homem, correspondendo à sua situação definitiva de salvação. Trata-se de uma Nova Aliança que transcende a primeira: uma tenda (Ex 25,10-16; 33,7; 40,34-38), imagem que indica família, clã, comunidade, lar, proteção, acolhida, aconchego, presença. Deus “habitará com eles”: é a realização definitiva da Nova Aliança (cf. Ez 37,27; Jr 32,31-32; Os 2,25; Rm 9,26).

Realiza-se agora o mundo em sua totalidade: céu-terra, onde “tudo é bom”, entrevisto idealmente em Gn 1,1–2,3, numa surpreendente correspondência entre Gn e Ap, aqui uma “nova criação”. O “Novo céu e nova terra” compreendem-se, comparando com o mundo de antes (“primeiro céu e primeira terra”: os de agora).

Não se fala em destruição do mundo atual, mas este vai desaparecer, sair de cena, numa superação radical (*apēlthan*), no sentido de uma renovação cristológica (*kainos*: novo no Ap está sempre referido a contextos que têm a ver com Cristo, particularmente evidente em Ap 5,9: anciãos e videntes entoam um “canto novo”). Esta ação contínua de renovação de Deus é atribuída a Cristo⁴².

A Nova Jerusalém é uma cidade universal. Ao contrário da prostituta (Ap 17,1-18) que vivia oprimindo os outros e sugando o sangue dos outros, a nova cidade é lugar de plenitude (21,24), foco de cura da humanidade (22,2). Nela procuram luz e encontram alegria. Esta imagem da cidade aberta (não fecha suas portas jamais) é o ponto culminante do Apocalipse. Esta é a nossa cidade; a ela devemos tender a partir deste mundo⁴³.

Nova Jerusalém significa tanto o povo de Deus na plenitude de sua situação escatológica como o ambiente novo no qual ela se encontra⁴⁴. A Nova Jerusalém

41. Cf. AUNE, David E. Revelation 17-22. [s.l.]: Thomas Nelson, 1998. (World Biblical Commentary, 52c), p. 1146: Ap 21,9–22,9 foi conscientemente estruturada em imitação a 17,1–9,10 após Ap 21,5–22,2 ter sido inserida entre 2,13-3 e 22,3-5.

42. VANNI, op. cit., p. 283.

43. PIKAZA IBARRONDO, Xabier. *Apocalisse*. Roma: Borla, 2001, p. 277-278.

44. Segundo AUNE, op. cit., p. 1187, a natureza artificial/planejada dos detalhes em 21,9–22,9 indica que a cidade é um símbolo transparente do povo de Deus, a Igreja.

não tem origem terrena como a primeira. Provém diretamente da transcendência, do “céu”. A Transcendência entra em contato com os homens, estabelecendo uma nova relação entre imanência e transcendência.

Mundo novo é o mundo cósmico e o mundo dos homens saturado dos valores de Cristo que, com sua presença, realizada gradualmente no curso da história, terá preenchido os vazios atuais.

Há uma ruptura total com o sofrimento do passado: “Deus enxugará toda a lágrima dos seus olhos” (Is 25,8). Em Gn 2,17 foi introduzida a morte, na Nova Jerusalém esta será superada (21,4). O juiz revogou a sentença: “As coisas antigas se foram”. João projetou na meta dos tempos uma humanidade reconciliada, perdoada, consolada, além da dor e da morte. A vida não é pranto, dor, sofrimento, mas alegria.

Do Deus espelho da violência humana (trombetas, cálices de veneno) passa-se a um Deus do amor completo que se manifesta no abismo de consolação humana pela humanidade. Revela-se a presença pessoal do Deus amigo, intimidade amiga. As núpcias do cordeiro são suprema e eterna companhia. Ele faz novas todas as coisas (21,5), é o princípio e o fim, aquele que reina (21,5-8).

Ao instaurar o Novo, Deus revela-se contra a mentira de um mundo de inveja e engano (as bestas, a prostituta), como verdade cumprida através do cordeiro/cavaleiro vencedor, que chamamos fiel e veraz (21,5; cf. 19,11). 21,8 traz os sete pecados que lembram os catálogos de vícios e virtudes do Novo Testamento (cf. 22,15). São ampliações das advertências das cartas (Ap 2-3), e têm um senso eclesial, vida dividida, fidelidade comunitária.

Covardes, vis (21,8), o qualificativo que se estende aos demais, são não os que têm medo, mas os que renegam Jesus no momento de serem provados e assim traem os irmãos. Mais do que medo, têm falsidade (cf. Sir 2,12), mentira e duplo jogo⁴⁵. Querem se mostrar fiéis a Jesus e ao mesmo tempo adoradores da besta (na linha dos nicolaítas e dos jezabelitas de Ap 2-3).

Por fim, pode-se afirmar: a vida é com certeza o dom escatológico de Deus, mas ao mesmo tempo é convite ao compromisso do cristão. “O vencedor receberá esta herança” (2,7). Este sabe que um outro mundo é possível, com a produção e comercialização comunitárias, a economia solidária, sustentável, não consumista, a participação na defesa dos direitos, contra uma cultura privatizada e individualista, na resistência ao ilusório poder do império do mercado e do setor financeiro globalizados⁴⁶.

45. PIKAZA IBARRONDO, 2001, p. 268.

46. ARENS, Eduardo; DÍAZ MATEOS, Manuel. Para sair do império hoje. *O Apocalipse: a força da esperança*. Estudo, leitura, comentário. São Paulo: Loyola, 2004, cap. 9, p. 280-316.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Sem dúvida, vive-se uma crise sem precedentes que pode levar a humanidade à catástrofe ou a trilhar novos caminhos, planos, programas e projetos, o que parece muito difícil ou quase impossível. Particularmente, as cidades tiveram seu nascimento, apogeu e declínio, mas foram sempre o centro das civilizações, impérios e Estados. As exigências que hoje pesam sobre elas, particularmente as megalópoles, nunca foram tão imensas e amedrontadoras.

O Apocalipse nos revela que não há situação sem saída e fornece-nos esquemas de interpretação da história. Vive-se uma transição de época, sujeita a muitas vítimas e enorme sofrimento. A Nova Jerusalém, em particular, traz esperança na real novidade. A história deverá consumir-se numa ruptura que não permite fuga. A Nova Jerusalém, símbolo do povo cristão, é dom de Deus, aponta para a esperança, mas pede compromisso humano. Mas, como foi levantado, deve-se reconhecer que sempre permanece algo de mistério indevassável, a absoluta incognoscibilidade do plano divino no Apocalipse. Não obstante isso, a Nova Jerusalém suscita e alimenta uma fé esclarecida, na esperança inabalável e na solidariedade inarredável.

Bibliografia

- AUNE, David E. *Revelation 17-22*. Thomas Nelson, 1998 (World Biblical Commentary, 52c) s.l.
- BACHMANN, Verônica. Seguindo os rastros de uma ordem sustentável rumo aos inícios dos escritos apocalípticos do judaísmo antigo. *Concilium*, v. 356, n. 3, p. 24, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DOGLIO, Cláudio. Inroduzione all'Apocalissi di Giovanni. In GIBERT, Giuseppe et al. *Opera Giovannea*. Torino: Elledici, 2003 (Logos. Corso di Studi Biblici, 7), p. 177.
- EBACH, Jürgen. As coisas não permanecerão sempre como estão. Observações e intuições sobre a apocalíptica bíblica. *Concilium*, v. 356, n. 3, p. 24, 2014.
- ELY, Lara. A fórmula das cidades. Entrevista: Geoffrey West. *Zero Hora*, Porto Alegre. 27. jun 2014, p. 6-7.
- HAKER, Hille; QUEIRUGA, Andres Torres; WACKER, Marie-Theres. Editorial. O retorno da consciência apocalíptica. *Concilium*, v. 356, n. 3, 2014.
- KOTKIN, Joel. *A cidade: uma história global*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- METZ, Johann Baptist. *Faith in History and Society*. New York: Seabury Press, 1980.
- PIKAZA IBARRONDO, Xabier. *Apocalisse*. Roma: Borla, 2001.
- ROCA, Joaquim García. Apocalíptica e crise global. *Concilium*, v. 356, n. 3, p. 80, 2014.

ROLNIK, Raquel et al. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.

PILARIO, Daniel Franklin. Depois do fim: reflexões (pós-)apocalípticas a partir do marco Zero. *Concilium*, v. 356, n. 3, p. 109, 2014.

SANTAMARIA, Xavier Alegre. O Apocalipse de João, modelo de releitura crente da vida em tempos de crise. *Concilium*, v. 356, n. 3, p. 45, 2014.

TOURAINÉ, Alain. *Após a crise: a decomposição da vida social e o surgimento de atores não sociais*. Petrópolis: Vozes, 2011.

VANNI, Ugo. *Lectura del Apocalipsis: Hermenéutica, exégesis, teología*. Estella: Verbo Divino, 2005.

WASELFSZ, Júlio Jacobo. "A cor dos homicídios no Brasil". *Mapa da violência*. Disponível em <<http://maparadaviolencia.org.br>>. Acessado em 27 dez. 2014.

ZIZEK, Slavoj. *Less Than Nothing: Hegel and the Shadow of Dialectical Materialism*. Londres: Verso, 2012, p. 983. *Apud* DICKINSON, Colby. Só os verdadeiros ateus são teólogos? Sobre o pensamento continental contemporâneo e o seu tom eternamente apocalíptico. *Concilium*, v. 356, n. 3, p. 50, 2014.

Flávio Martinez de Oliveira
Rua Arthur Hameister, 85
96020-330 Pelotas, RS
peflaviomo@gmail.com

Eduardo dos Santos de Oliveira
Rua Quinze de Novembro, 78
96225-000 São José do Norte, RS
pe.eduardo.oliveira@gmail.com